



Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

## SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 217

ASSIGNATURAS  
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 15000 réis (fortés).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS.

4.º Anno

### JORNALS E JORNALÉCOS

A *Folha*, diario de Lisboa, censurando um periodico de provincia, escreve:

«Ha por este paiz uma abundancia grande de jornalécos semanales, quinzenales e até mensales que vivem para a intriga local ou para o aproveitamento dos annuncios judiciais. Alguns ha, porém, bem orientados, superiormente dirigidos e respeitadores; outros, então, são uma especie de fraldiqueiros para servir interesses varios ou para atirar as canellas dos que protestam contra as poucas vergonhazinhas cá da terra.»

A *Folha* põe o dedo n'uma das grandes chagas da sociedade portugueza. A imprensa jornalística, como muitas vezes aqui o temos escripto, é um factor de dissolução, é o mais poderoso agente de immortalidade, de perturbação, de desvairamento que se encontra em Portugal. E não só o jornaléco semanal, bi-semanal, quinzenal ou mensal. Tambem a gazeta diaria, que lhe não fica a dever muito. E não só o periodico monarchico, Tambem o periodico republicano.

Nenhum d'elles soube collocar o espirito de patria acima do espirito de facção. Nenhum soube sobrepor a verdade e a justiça ás paixões e interesses de pessoas, de classes, de regiões, de grupos ou partidos.

Esta é a verdade, doa a quem doer. Hoje, um ou outro tenta lutar contra essa corrente perniciosa e aviltante. Mas não pôde. Succumbe á concorrência interesseira, que explora a depravação do publico.

O mais curioso, porém, é que todos elles, elles mesmo que desmoralisaram e depravaram a massa geral da nação, accusam o povo de ser a causa exclusiva da doença que nos mina. Ora não é preciso reflectir muito para se chegar a concluir, sem a menor hesitação, que um povo barbaro, boçal, ignorante, como o povo portuguez, ha de ser, necessariamente, aquillo que forem as classes dirigentes. D'estas recebe o impulso, o exemplo, o governo, a acção, a educação. Se é mau, foram ellas que o fizeram mau. Se está desmoralisado ou depravado, foram ellas que o desmoralisaram ou depravaram.

Sem influencia nenhuma na direcção dos negocios publicos, impossibilitado, pela sua ignorancia profunda, de se pronunciar sobre o mais simples d'esses negocios, o povo vogou sempre ao sabor dos interesses e dos vicios dos que disputavam o mando, dos que dispunham do poder. E entre estes não houve, no meio das suas disputas e na maneira de exercerem esse mando, o me-

nor sentimento de dignidade. Todas as armas e todos os meios lhes serviram, ainda os mais indecorosos, ainda os mais abjectos.

N'este sentido, se exerceu toda a acção da imprensa portugueza. Os jornales foram simples instrumentos das quadrilhas organisadas entre as classes dirigentes e pelas classes dirigentes. Instrumentos de rivalidade, de especulação e de vicio. Fundaram-se para mentir, para adular, para calumniar. Foi bom tudo quanto fizeram os amigos e mau quanto fizeram os inimigos. Deante dos partidarios e amigos arrastaram-se ignobilmente, n'uma hypocrisia revoltante, n'um servilismo asqueroso. Aos inimigos arremessaram as maiores injurias, dizendo d'elles, sem pejo, sem consciencia, sem córar, n'um mutuo cynismo, arvorado por todos em norma e regra de boa politica, as ultimas calumnias, as ultimas infamias.

Não bastando a politica para os sustentar, espalhados em numero excessivo pelo paiz, á tremenda desmoralisação das rivalidades partidarias, exercidas do modo repugnante que acabamos de dizer, juntaram a tremenda desmoralisação da maneira porque tentaram captar o assignante, porque procuraram attrahir o leitor, que foi adulando-lhe todas as fraquezas, alimentando-lhe todos os preconceitos, acariciando-lhe todos os vicios.

E assim acabou para o journalismo portuguez todo o ideal, toda a independencia, todo o espirito de solidariedade, toda a nobreza de principios e toda a nobreza de conducta.

Um jornal nosso, com honrosas mas poucas excepções, é uma vergonha. Escreve-o um caixeiro da finança, um caixeiro da politica, um pescador d'aguas turvas, um agente de negocios, um ambicioso da peor especie, um corteção, um engraxador, um sectario de horizonte acanhado e restricto, um serventuario mesquinho, raramente um homem. Raramente, raramente! Raramente um homem com justiça, com verdade, com independencia, com altivez, com desassombro, com largueza, e juntamente com intelligencia, um homem forte com a sua convicção, pujante com a sua sinceridade.

Raramente! Raramente! E', na melhor hypothese, um papel com letras, letras frias, letras mortas, que nem instruem, nem commovem. Letras dispostas sem arte, espalhadas a esmo, que nem, ao menos, delectam a vista, que nem, ao menos, encantam pela fórma. Pégna a gente n'um jornal estrangeiro, incluindo os jornales do Brazil que são escriptos por homens da nossa raça e que fa-

lam a nossa lingua, e encontra n'elles artigos substanciosos, eruditos, profundos, tratando assumptos elevados de politica, de sociologia, de sciencia, d'arte, de litteratura. Pégna a gente n'um jornal portuguez e só vé artigos largos quando se trata do crime ou do escandalo. Então lêem-se. Devoram-se! Fóra d'isso não se lêem, porque são maqudos. Foi assim que o jornalista educou o publico. E como não se lêem porque são maqudos, quando não ha escandalo ou crime é tudo uma série d'artiguelhos de mexericos e intrigas, sobre o José Luciano, sobre o Hintze, sobre o João Franco, sobre o Beirão, sobre o Alpoim'e com o fim unico de informar o publico sobre o que disse o Franco, sobre o que fará o Hintze, sobre se o partido progressista ou o partido regenerador está unido ou desunido e sobre se o rei é pelo Franco ou pelo Hintze, pelo Beirão, ou pelo Telles.

Uma vergonha! Isto quanto ao jornal. Isto quanto ao diario. Quanto ao jornaléco, como diz *A Folha*, é mais do que vergonha, é torpeza. A diferença que vae da rameira avinhada e de postigo á munda-na de cothurno.

A imprensa portugueza é isso. E' o maior elemento de desvairamento, de perturbação, de dissolução que hoje existe n'esta terra. Com honrosas excepções.

### LYCEU D'AVEIRO

O nosso amigo e correligionario José Marques d'Almeida, propoz na ultima sessão da camara, e foi unanimemente applaudido, que a camara municipal de Aveiro represente ao governo pedindo que o lyceu d'Aveiro seja elevado a lyceu central.

Damos o mais decidido apoio á idéa. E voltaremos a esse assumpto.

### CARTA

Do sr. D. Miguel de Alarcão, major da 9.ª brigada de infantaria, recebemos a carta que se segue e que só publicamos pela consideração que o illustre official nos merece. D'outra fórma não a publicaríamos, porque áquelles biltres, um homem de bem só por engano se dirige.

O sr. D. Miguel de Alarcão esqueceu-se, sem duvida, de que o garoto que escreveu aquillo foi, talvez, o mesmo que se confessou, deslavadamente, calumniador do sr. dr. Homem de Mello, e como tal reconhecido, em documento publico, pelos srs. Joaquim de Mello Freitas e Jayme de Magalhães Lima. O sr. dr. Homem de Mello, o

sr. D. Miguel de Alarcão e outros, já se deviam ter convencido de que para esses garotos só ha um recurso: ou corre-los a pontapé, quem se quizer sujar, ou deixá-los, quem se quizer conservar aceso e limpo.

Este é o caminho. Tomar por outro é seguir por atalhos, com risco de se cair no lodo. Segue a carta:

EX.º SR. REDACTOR DA *Vitalidade*: No seu acreditado jornal, em o n.º 441 de 27 do mez ultimo, no artigo intitulado *Dr. Duello*, diz V. Ex.ª que o Ex.º Sr. Dr. Homem de Mello, apesar de tocado pelo cotovello do Ex.º Sr. Firmino de Vilhena, havia desaparecido da arcada da Praça do Commercio, sem exigir desaffronta d'este insulto. Não são estas as palavras do artigo, é certo, mas a sua essencia.

Não pretendo envolver-me em questões locais, a que sou, e desejo continuar a ser, completamente estranho; e muito menos em questões pessoais, ao que nenhum titulo me dá direito. Todavia, a bem da verdade, e unicamente n'este intuito, como testemunha presencial que fui do caso alludido, cumpre-me, como a todo o homem leal, dizer a V. Ex.ª que foi mal informado.

Havia eu encontrado, na Arcada, o Sr. Dr. Homem de Mello, e detinha-me conversando com elle e com mais alguns amigos que o acompanhavam, quando alli chegou o Sr. Firmino de Vilhena.

Francoamente o confesso, não vi n'este facto cousa alguma que se parecesse com uma provocação, porquanto a pendencia suscitada entre estes dois cavalheiros havia, ao tempo derivado, e supponho, immodestamente talvez, não me encontrar só n'esta opinião.

O Sr. Dr. Homem de Mello conservou-se na Arcada cerca de 20 minutos a meia hora, conversando naturalmente, e retirando-se depois d'este espaço de tempo. E' facto que ao retirar-se cruzou com o Ex.º Sr. Firmino de Vilhena, mas a distancia de um ou dois passos, o que não parece permitir fosse tocado pelo cotovello d'este senhor.

Desculpe-me, sr. redactor, a minha intervenção n'este assumpto, mas compulsi-me a tal apenas o desejo de restabelecer a verdade na conformidade das praxes jornalísticas que V. Ex.ª é dos primeiros a dignamente observar.

Sou De V. Ex.ª, mt.º att.º ven.º e cr.º D. MIGUEL DE ALARCÃO. S. C. — Aveiro, 2 de outubro de 1903.

E' difficil seguir uma mulher e uma idéa ao mesmo tempo.

### O TACHO

O *Chica* diz que os d'Eixo vão mandar um tacho de presente ao sr. Manuel Homem de Mello pelo importante serviço da estação telegraphica. E' certo. Mas o tacho foi encomendado ao morgado do Carmo, que é neto dos caldeiros d'Eixo.

## A proposito d'uma pendencia

Publicámos no ultimo domingo os documentos relativos a uma pendencia entre o sr. dr. Manuel Homem de Mello e o sr. Barbosa de Magalhães e outro individuo d'esta terra. Não commentámos. E não commentariamos hoje tambem, nem falariamos do assumpto, se não viesse ao nosso conhecimento um facto indigno, que seria uma nova vergonha para esta terra, se passasse sem protesto.

O sr. dr. Manuel Homem de Mello encarregou dois amigos de pedirem explicações ao *Campeão das Provincias* sobre um artigo que n'este periodico se publicou, e no qual o sr. Homem de Mello viu insinuações ao seu character. Apareceu um individuo a declarar-se director do jornal, a assumir a responsabilidade do artigo, embora confessasse que não era o seu auctor, mas acrescentando que nem dava explicações, nem reparações pelas armas.

Parecia a questão terminada. Surge, porém, o sr. Barbosa de Magalhães a pedir telegraphicamente aos jornales que declarassem que era elle o auctor do artigo. E o sr. Manuel Homem de Mello immediatamente seguiu o unico caminho que, depois do primeiro passo, lhe estava indicado. Pediu aos dois cavalheiros que se tinham dirigido em seu nome ao *Campeão das Provincias* que se dirigissem ao sr. Barbosa de Magalhães.

Realizada a entrevista, o sr. Barbosa de Magalhães declarou que nem dava explicações nem reparações pelas armas.

Este procedimento é extranho. Se o sr. Barbosa de Magalhães não queria dar explicações, nem reparações pelas armas, para que se veio declarar auctor do artigo depois da questão já liquidada?

Para retirar responsabilidades de cima da cabeça do outro individuo? Mas que especie de responsabilidades? As responsabilidades criminaes? Só essas, n'essa altura, se podiam tomar em consideração, porque ficou visto desde logo que o sr. Homem de Mello não pediria outras. E para as responsabilidades criminaes era censurada tanta pressa, tanto espalhufato e tanta bascofia. Assumi-as o sr. Barbosa de Magalhães quando o jornal fosse chamado aos tribunales, se o sr. Homem de Mello viesse a tomar essa resolução.

O procedimento do sr. Barbosa de Magalhães foi incorrecto. Incorrectão que subiu de ponto ao apparecer debaixo dos Arcos

# Cartas d'Algueres

2 DE OUTUBRO.

Os professores de instrucção primaria ganham, pois, em Portugal, 165\$000 réis, 195\$000 réis e 235\$000 réis, conforme são de 3.ª, 2.ª ou 1.ª classe. Passam de 3.ª classe para 2.ª ao fim de seis annos de bom e effectivo serviço. E de 2.ª para 1.ª ao fim de 12 annos de serviço nas mesmas condições.

Estes vencimentos são, porém, de duas especies: de categoria e de exercicio. O vencimento de categoria, na 3.ª classe, é de réis 130\$000 e o de exercicio de réis 35\$000. Na 2.ª classe, de 150\$000 e de 45\$000 réis. Na 1.ª classe, de 170\$000 e de 65\$000 réis. Os professores perdem o vencimento de exercicio quando estão doentes e quando se reformam. Portanto, um desgraçado de 3.ª classe passa a ganhar 356 réis por dia, se adoecer, isto é, precisamente quando mais necessita de dinheiro, e o pobre diabo que se estafou a trabalhar, a um serviço penoso como é o de ensinar creanças umas poucas de horas cada dia, tem como recompensa ao fim da vida, velho, doente, inutilizado, a magra quantia de 465 réis diários.

E' isto maneira de pagar a um professor de instrucção primaria? Póde esse homem ter vontade, ter dedicacão, ter zelo pelo ensino? Assim, nunca daremos um passo seguro no caminho do progresso.

Exigir-se d'um homem uma habilitacão particular, impôr-se a esse homem consideracão social, orna-lo com o nome pomposo de mestre, de diplomado, para se lhe metter na mão a misera quantia de 450 réis, ou de 440 que é, afinal, quanto recebe, quantia que nem chega para elle comer, é uma verdadeira irrisão.

Na ultima carta dissêmos que um professor de instrucção primaria ganhava tanto, com pouca differença, como um soldado da guarda municipal. Ganha menos. O que é justo, repetimos. O soldado da guarda municipal está de sentinella á *confusão dos dois erarios*. E o professor de instrucção primaria tende a fazer desaparecer, a dissipar essa confusão.

Ganha menos. E é justo, é justo. Ganha menos porque o soldado da guarda municipal tem de comer, de vestir e de calçar por uma insignificancia, o que faz com que o soldado de infantaria, ganhando deoitto vintens por dia, ganhe mais do que o professor de instrucção primaria. Comparando com o soldado de infantaria. Comparando com o soldado de cavallaria, que ganha 450 réis diariamente, então a desproporção é muito maior.

Mas, por qualquer lado que se faça o confronto, resulta sempre a demonstracão de que o mestre escola é, em Portugal, uma coisa desprezível, e a instrucção uma coisa irrisoria. O porteiro da escola industrial d'essa cidade, por exemplo, ganha mais do que elle. Um pharoleiro auxiliar tem ahí de vencimento 660 réis diários, casa, agua, luz e tempo para pescar, pois trabalha só 12 horas em 4 dias. E assim por deante.

Note-se que acima dos pharoleiros auxiliares ainda ha os pharoleiros de 2.ª classe e de 1.ª classe. E não quero dizer com isto que os pharoleiros, os porteiros e outros, devam ganhar menos. Quero apenas provar, pela situacão miseravel do mestre escola, a importancia que se dá em Portugal á instrucção elemental.

Desprezam o infeliz, dão-lhe apenas o preciso para elle não morrer de fome e exigem-lhe, ao mesmo tempo, que se reproduza, que se multiplique. Assim, em cada escola parochial ha quatro classes e um só professor. Póde haver um ajudante, mas, em regra, não o ha. Pois querem saber como o professor ensina as 4 classes? Como o ensino é oficialmente distribuido? Ora vejamos: Mas

um bocadinho, só um bocadinho, para não maçar. Vejamos.

A's segundas-feiras, das 9 ás 10 da manhã, nos mezes d'outubro a fevereiro, a 1.ª classe tem leitura; a 2.ª classe tem leitura; a 3.ª classe tem leitura explicada e a 4.ª classe tem leitura e grammatica.

Repetimos—e não se deve esquecer isto—é um professor só que ensina as quatro classes ao mesmo tempo!

Nas mesmas segundas-feiras, das 11.45 ás 12.45, a 1.ª classe tem calculo; a 2.ª classe tem calculo; a 3.ª classe tem arithmetica e systema metrico e a 4.ª classe o mesmo ensino da 3.ª.

Da 1 ás 2, ainda ás segundas-feiras, a 1.ª classe tem gymnastica; a 2.ª classe tem escripta; a 3.ª classe tem escripta e a 4.ª classe geometria pratica elemental.

Emfim, ás terças-feiras, das 9 ás 10, a 1.ª classe tem leitura; a 2.ª classe tem leitura; a 3.ª classe tem leitura explicada e a 4.ª classe historia e chorographia.

E basta. O que se segue nos outros dias da semana é pouco mais ou menos a mesma coisa. Basta, basta. Não precisamos de mais.

Façam agora o favor de nos dizer como é que o professor, á mesma hora, ha de ensinar leitura a umas classes e leitura e grammatica explicada ás outras; calculo a umas classes e arithmetica e systema metrico ás outras; gymnastica, escripta e geometria pratica elemental; leitura, leitura explicada e chorographia e historia.

E' sério? Não. Troça, mentira, hypocrisia como em tudo. Não ha nada, positivo, nada sério, nada real na vida portugueza. Tudo hypocrisia. Tudo mentira. Mentira e hypocrisia nos homens, mentira e hypocrisia nas leis, mentira e hypocrisia nas instituções. Não temos parlamento, não temos ministerio com as regalias da constituição, não temos exercito, não temos armada, não temos instrucção, não temos nada.

Este é o facto. Facto incontestavel. Facto indiscutivel.

Nas escolas centraes ha quatro professores, um para cada classe, e ensinando em salas separadas. Nas outras escolas ha um unico professor, que rege as quatro classes, na mesma sala, ao mesmo tempo!

E' bico ou cabeça?

Mas em todo o nosso regimen d'instrucção primaria se nota a falta de verdade, de criterio, de senso pratico que nos caracteriza em todas as manifestações do caracter nacional. A lei começa logo por declarar o ensino obrigatorio e por comminar penas, aliás ridiculas, contra os que não obedecerem. Ora todas as nações cultas começaram, realmente, por ahí. Mas começaram a valer. E para que a obrigacão se tornasse uma coisa séria e o castigo uma coisa respeitavel, a primeira medida que se tomou foi dar a todos os individuos os meios d'aprender. Sem isso é irrisoria a obrigacão, é comico o castigo.

Na Suecia, por exemplo, os paes que se recusarem a mandar os filhos á escola, depois de uma advertencia prévia, perdem o patrio poder. Simplesmente isto. E essa disposicão, diz o sr. Antonio Feijó, é applicada com o *maximo rigor e severidade*. Mas na Suecia as creanças pobres são sustentadas pelo Estado e pelos municipios, durante a idade escolar. Se o municipio tem recursos, sustenta-as só o municipio. Se não tem recursos sufficientes, dá o Estado uma subvenção aos municipios. Isto sem falar nos auxilios dos particulares, que são generosissimas na Suecia, como na Inglaterra, como nos Estados-Unidos.

Falando de Stockolmo, diz o sr. Antonio Feijó:

«Sob nenhum pretexto as familias se pódem eximir a enviar os filhos á escola. A assistencia

publica da parochia é obrigada a sustentar as creanças pobres emquanto frequentarem os estabelecimentos d'ensino, e a caridade particular, manifestada por constantes offeras e dadas ás escolas, exerce-se por uma forma tão generosa que, póde dizer-se sem exaggeracão, as creanças d'esta cidade não sabem o que é miseria. Ainda ha poucos mezes um opulento capitalista de Kungsholmen doou á escola primaria da sua parochia 25.000\$000 réis para alimentacão das creanças pobres.»

Ora assim, sim. D'outra forma, é para *inglez ver*. Que inglez não é tolo, que não veja aquillo que lhe escondem.

E continuaremos. Da questão da alimentacão passamos para a questão da instrucção. Da questão da instrucção voltaremos, depois, á questão da alimentacão.

São duas questões que se harmonizam, que se conjugam, que se completam.

A. B.

## ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Promettemos no ultimo numero voltar a este assumpto e gostosamente o fazemos.

Poucas vezes se tem visto, mesmo entre nós, o que se está dando actualmente em Aveiro. Esta essa gloria reservada para o sr. Jayme de Magalhães Lima, que teve a infelicidade ou o mau gosto de se rodear d'um bando de gaiatos.

No meio das paixões mais accezas, nunca deixou em Aveiro de se applaudir aquillo que representava um verdadeiro melhoramento ou um verdadeiro interesse local. O facciosismo, quando muito, não ia além do silencio. Quem não applaudia, calava-se. Hoje não. O sr. Jayme de Magalhães Lima tudo censura, tudo malsina, tudo desvirtua, ou tudo deixa malsinar e desvirtuar, o que é a mesma coisa. Na loucura da preponderancia e do mando chega a cair no ridiculo imaginando que a populacão de Aveiro é estúpida, ou que está completamente enfeudada ao morgado do Carmo, sentindo os odios que elle sente, soffrendo dos despeitos e invejas de que elle soffre.

Não ha maior insania. O sr. Jayme de Magalhães Lima, com um bocadinho de reflexão ou de juizo, perceberia que o jornalco immundo, que é orgão da sua politica em Aveiro, não faz senão compromette-lo e desacreditá-lo no conceito publico. A elle! Só a elle! Dizer mal de tudo systematicamente prova duas coisas: 1.ª inveja, despeito, vileza, n'uma palavra: absoluta falta de caracter; 2.ª absoluta falta de patriotismo.

O sr. Jayme Lima, que achou legitima a suppressão do districto, que achou desnecessaria a existencia d'um regimento em Aveiro, que julgou indifferente estar ou não estar a barra em boas condições, que nunca fez nada que importancia tivesse em favor da cidade, continúa a demonstrar o mais absoluto desdem pelos melhoramentos locais. De outra forma apressava-se a quebrar toda a solidariedade com o jornalco que representa a sua politica, e que não cessa de vomitar sandices sobre todos os progressos da localidade.

O sr. Jayme Lima está fazendo uma triste figura imaginando que é rei d'esta terra. Olhe que não é. A populacão de Aveiro é bastante intelligente para ver quem vale e quem não vale, quem merece os seus applausos e quem os não merece, quem trabalha pelo engrandecimento local e quem não trabalha. E bastante ativa para repellir todas as presumpções do morgado. Não admittre morgados, nem se sujeita a elles.

Que os garotos do *canudo*, que outros garotos do mesmo jaez, ou

mente pelo bem e pelo progresso d'esta terra.

Protestamos, pois, contra a garotice que se praticou debaixo dos Arcos e estamos certos de que protestarão connosco todos os aveirenses dignos d'esse nome.

P. S. — Acabamos de saber que o orgão dos *morgados*, que não lêmos, se refere largamente á garotice dos Arcos, que aponta como uma *gloria e um triumpho*, por entre as sandices e as mentiras do costume.

Ainda bem. Todos se hão de vencer, com o tempo, de que ninguém, melhor do que nós, conhece esta corja infame. Quando os apontavamos, a todos, amos e creados, morgados e vassallos, como os ultimos dos biltres, achavam-nos exaggerados.

Pois agora ali os teem.

### Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 1 ás 3 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

*Por mi Patria!* passa calle, (Graca); *Os tres amigos*, ouverture, (\*\*); *Sourire d'avril*, valsa, (Depret); *Phantasia da opera Ruy Blas*, (Marchetti); *Mosaico da opera Un ballo in maschera*, (Verdi); *Adozinda*, mazurka, (\*\*); *Devaneios campestres*, pot-pouri, (Moraes).

### Exoneração

Pediu a sua exoneração de amanuense da secretaria da camara, o sr. Eduardo Vieira, proprietario d'esta cidade.

E' de justiça que o logar vago seja preenchido pelo empregado addido á mesma secretaria, sr. José Lopes do Casal Moreira, a quem não faltam aptidões para bem desempenhar o cargo. Folgaremos com isso.

### OS PHOSPHOROS

O correspondente de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, dá-nos a noticia de que os srs. Blech e Adriano Cavalheiro, director e commissario régio junto da Companhia dos Phosphoros, conferenciaram com o sr. ministro da fazenda sobre a melhoria do fabrico dos phosphoros e a introducção nos mercados dos antigos phosphoros de enxofre, conforme o determinado na portaria publicada ha dias.

Consta ao mesmo correspondente que em breve apparecerão á venda as novas marcas de phosphoros, dando-se assim satisfacão ás justas queixas dos operarios e reclamações do publico.

Ora vamos a ver se d'esta vez teremos occasião de louvar a Companhia dos Phosphoros, o que, antecipadamente, duvidamos. Oxalá que tenhamos occasião de confessar que nos enganámos.

### No Pharol de Aveiro

As duas touradas que se realisarão na praça do Pharol agradaram bastante. Pena foi que o dia de segunda-feira não se apresentasse bom, pois que a chuva prejudicou a corrida.

Dos bandarilheiros foi Cecilio quem teve as honras da tarde. Dos cavalleiros foi morgado de Covas, que trabalhou magistralmente, sendo por isso muito applaudido.

Parece que no proximo domingo se realisa ali mais uma tourada. E' de esperar uma enchente.

Dormir muito é fazer um roubo á vida.—G. M. VALTOUR.

um bando de garotos em attitude ameaçadora e provocante, quando o sr. Homem de Mello alli passava com as suas testemunhas. E' este o facto indigno a que nos queriamos referir.

O sr. Barbosa de Magalhães podia regeitar o duello. E não mereceria por isso as nossas censuras. Mas appareceu fóra de tempo e fóra de proposito, em primeiro lugar. E não impediu, em segundo lugar, que individuos da sua feição promovessem ou se associassem á vergonha a que nos estamos referindo.

Foi o sr. Barbosa de Magalhães que preparou esse escandalo? Não o affirmamos. Póde ser que não. Mas é extranho que no grupo estivessem pessoas da sua maior confiança e da sua maior intimidade. Isto deixa muito mal collocado o sr. Barbosa de Magalhães, que se foi extranho ao conluio, como é possível, tem toda a razão para se indignar com os amigos e parentes que o deixaram pessimamente collocado. Seria extranho ao conluio. Mas os factos compromettem-no, e muito.

Seja como fór, a manifestação que teve lugar debaixo dos Arcos é uma vergonha, que deixa a cidade muito mal collocada deante dos extranhos. Se ao sr. Manuel Homem de Mello quizesse liquidar as suas questões á bengalada ou a murro, não ia acompanhado das suas testemunhas, nem de ninguém. Isto é clarissimo. Se o fizesse, era caso para o sr. Barbosa de Magalhães atirar foguetes, porque tinha inutilizado o seu adversario, perdendo-o de todo no conceito publico. Para que foi, então, a reunião dos garotos debaixo dos Arcos? Para que estavam os pulhas em attitude hostil? Para que andam elles apregoando que estavam resolvidos a inventir com o sr. Homem de Mello?

Repetimos: é uma das muitas garotices que se praticam em Aveiro, e só em Aveiro. Só em Aveiro! Em mais terra nenhuma do paiz se commettem baixeiras d'essa especie.

E é preciso acabar com ellas. A populacão de Aveiro não está enfeudada a ninguém. Não póde, pois, permittir, que um bando qualquer pratique impunemente façanhas que a deshonram aos olhos dos extranhos. Principalmente contra individuos que estão servindo os seus interesses.

O sr. Barbosa de Magalhães, o sr. Mattoso, e o sr. Jayme Lima andarão accesos em ira contra o sr. Homem de Mello. Mas a verdade é que o sr. Homem de Mello ainda não fez a Aveiro senão bem. Tem trabalhado sem descanso pelos seus melhoramentos e pelos seus interesses. E é d'ali, sobretudo, que vem a ira d'aquelles tres senhores. Ora seria engraçadissimo que Aveiro tolerasse infamias contra o sr. Homem de Mello só para agradar ao sr. Mattoso, ao sr. Barbosa de Magalhães e ao sr. Lima. Engraçadissimo!

Aveiro não póde tolerar que qualquer garoto comprometta o seu bom nome e a sua reputação, seja contra quem fór. Mas, sobretudo, tratando-se d'um homem que tem servido os seus interesses.

Porque, repetimos, o sr. Homem de Mello não tem feito outro mal senão pugnar incessante-

brutamontes provados, imaginem trazer no bolso a população de Aveiro, é natural e logico. Não dão mais. Mas que o sr. Jayme Lima se associe a essa pretensão, é realmente de pasmar.

O melhoramento da Praça Municipal está ahí. Vê-se. E' um melhoramento excellente.

O melhoramento do novo bairro piscatorio vê-se-ha em pouco tempo. Estão já as ruas traçadas e terraplenadas. E' outro melhoramento de primeira ordem. O melhoramento da Praça do Peixe já começou, também, a ter execução. O mesmo succede com os edificios da cerca das Carmelitas. Estes são os melhoramentos de vulto. Os de menor importancia, ou que passam despercebidos, não representam menos zelo, menos actividade, menos interesse pelo concelho. Nenhuma camara fez em tão pouco tempo tanto, nenhuma o fez com tanta mestria, com tanta capacidade.

Isto vê-se. Isto sabe-se. Vê-o todo o mundo. Sabe-o todo o mundo. Para que ha de o sr. Jayme de Magalhães Lima querer provar o contrario?

Mostra o seu despeito, a sua inveja, a sua mesquiharia. Mais nada. Mais nada.

Convença-se d'isso. E voltaremos ao assumpto.

**Doas da Gafanha e S. Jacintho**

A já importante e pittoresca matta de S. Jacintho, vaê ser augmentada com mais 45 hectares de sementeira de pinhal, e a da Gafanha com 15.

N'esta ultima foi feita a anterior sementeira ao longo da estrada que segue de Ihavo para a Costa Nova, apresentando-se a plantação já muito desenvolvida e fixando por aquella parte as formidaveis lombas d'areia que assobravavam a estrada.

Com o desenvolvimento que vaê tomando a carreira do tiro, que fica em frente da referida matta, torna-se em breve um agradável passeio até áquelle local, especialmente na primavera, epocha em que tudo por ali se encontra florido e encantador.

Louvamos a iniciativa do governo em aproveitar os terrenos incultos do paiz n'este genero de plantação, já mais quando vemos a enorme devastação de pinheiros que se alastra por esse paiz fóra para serem exportados para o estrangeiro.

**Sal**

Continúa estacionario o preço do sal n'esta cidade, apesar da exportação se fazer em larga escala.

O seu preço actual regula por 35,000 réis o wagon de 10,000 kilos.

**UM CASO RECENTE**

Sob este titulo escreve o *Progresso de Aveiro*:

De Bergerac, um pseudonymo que, certamente occulta um finissimo espirito, que de quando em quando transparece em varias produções estampadas nas columnas do nosso brilhante collega *O Dia*, escreveu ha dias no nosso collega *O Mundo*, a proposito de dois cavalheiros d'esta cidade se terem recusado a dar uma satisfação pelas armas ao nosso prestimoso e dedicado amigo sr. dr. Homem de Mello, o seguinte, a que não podemos furtar-nos a publicar pela opportunidade que manifesta.

O nosso collega local o *Povo de Aveiro* fez algumas considerações a esse respeito, combatendo as ideias de *De Bergerac*. Contudo, a sua argumentação tanto tem cabida referindo-se a um combate a pau como a um combate á espada.

Estâmos exactamente no mesmo caso. O melhor, porém, e que accetâmos sem reservas, é seguir em materia de desagravamento d'honra o systema inglez, onde ha um tribunal especial para dirigir taes contendas. Alli é totalmente prohibido bater-se qualquer individuo em duello. E não só lá. Na Belgica, na Hollanda, na Suissa também o duello é repudiado, e na própria Alemanha militarista, o imperador é o primeiro a oppôr-se tenazmente a esse genero de lucta, castigando com rigorosas penas qualquer individuo que se arrisque a desafiar outro para duello.

Mas nos paizes latinos é ainda este o systema accete para solver questões de brio, e emquanto os governos não regulamentarem uma lei especial, não nos livrarêmos de cumprir esse costume, que, n'este caso, se torna um dever.

Nós sômos adversario do duello em todos os casos. Folgamos em vêr que o collega é, em these, da nossa opinião. E n'esse caso seria bom que todos nos juntassemos a pedir uma lei especial para regular esses casos de honra. Mas sendo nós contrario ao duello, reconhecendo em todos os individuos o direito de não o accetarem, não admittimos, por isso, incorrecções como aquellas que se praticaram em Aveiro.

Um individuo pôde regeitar um duello com muita correccção. E pôde regeita-lo com muita incorrecção.

Ora incorrecções não as admittimos nós no duello, como não as admittimos em coisa nenhuma.

— A critica é o pesado tributo que todo o candidato á celebridade tem de pagar ao publico.

Tinha vinte e seis annos elle. Mais que nunca lhe inundaram alma enchentes de poesia. Os sonetos rompiam como lavas e aos pares. Um conservou elle no seu livro de medicina. E que engenhosa maneira de mandal-o á posteridade! Como não era coisa bem cabida um soneto de amores conjugaes entre duas receitas para conservar os cabellos, attribuin como feito aos cabellos de Maria Santissima o soneto com que eternisára as madeixas de sua mulher. Vejam como elle o diz, querendo encarecer a formosura de um opolento cabello: «Temos um heroico exemplo na Magdalena, que ainda dos mesmos cabellos, que lhe cresciam, formou toalha para enxugar os pés de Christo lavados com suas lagrimas... Veneremos a profunda humildade de Maria Santissima mysticamente figurada n'aquelle cabello admiravel, em o humilde discurso d'este

**SONETO**

Teus cabellos, teus olhos basta vê-los,  
Compondo o rosto teu, que ao sol prefere,  
O' minha esposa, porque a fé venere,  
A amorosa ambição de pretendel-os.

**Os michordeiros**

**envenenadores**

Continúa por todo o paiz, como diariamete se vê pelos jornaes, a série de descobrimientos de novas falsificações dos michordeiros, que primam cada vez mais, em envenenar a humanidade em proveito da sua insaciavel bolsa.

Alenta-os e encoraja-os o alto preço porque se vendem actualmte os vinhos e alguns generos alimenticios. A cobra do ouro, a ganancia de possuir dinheiro cega-os, não duvidando por isso em ultrapassar todas as regras do bom senso, atirando para traz das costas com tibezas e escrupulos que por accuso ainda por lá existam.

Pois é preciso que as tibezas do poder civil também acabem por uma vez, e que esses homens recebam com prodigalidade o premio das suas infames proezas, como o estão exigindo as suas reiteradas reincidencias.

E o mal é tão contagioso que se alastra por todo o mundo, ainda o mais culto, e vaê tocando todos os ramos de commercio e quicá da industria. E' a febre do ouro por toda a parte.

Um jornal de Lisboa, occupando-se com inteira clareza do assumpto, conta dois factos curiosos que passamos a transcrever:

«A perversidade moral dos falsificadores não é, felizmente, privativa d'este cantinho da Europa. Alastra-se, como uma nodosa de azeite, até mesmo pelos paizes mais cultos.

«A França, e na sua civilisada capital, uma leiteira ao entregar a uma senhora uma bilha de leite, que acabava de vender-lhe, esta ao destapal-a, qual não foi a sua admiração vendo a meia d'agua, e diz-lhe: — Então a bilha tem agua em lugar de leite?!

— Oh! perdão, minha senhora, replica ingenuamente a leiteira, fui eu, que estava tão distrahida, que me esqueci de deitar-lhe o leite.

«Em Inglaterra succede ainda melhor. E, não obstante os fóros de lealdade e honradez, que se arrogam os rubicundos e saudaveis aliados, não resistimos á tentação de transcrever o facto que vamos narrar, posto que bem conhecido:

«Conta-se que um clergeman, que tinha reunido ás suas funções de cura d'almas um commercio de especiaría, tinha por costume interrogar assim, de manhã, o seu pequeno aprendiz:

- John, deitaste farinha no asucar?
- Sim, senhor.
- E pó na pimenta?
- Sim, senhor.
- E folhas de ribes no chá?
- Sim, senhor.
- Bom. Agora vaê para cima resar.»

E ahí está, como encontramos o mundo e como os homens, em toda a

Nem porque muitos são chego a querel-os, Antes por qualquer um amor require, Um dos olhos o coração me fere, Prende-me a alma um só d'esses cabellos.

N'um dos olhos por pura te comprehendes, N'um cabello a humildade sem refolhos, Dás a entender em symbolos benquistos:

Por isso humilde e pura tu me prendes; Que se um dos olhos me entra pelos olhos Um dos cabellos me ata a olhos vistos.»

O soneto, para ser feito a Nossa Senhora, não é bom modelo para mysticos; porém, como brinde á estremecida Josepha, é o melhor de que eu tenho noticia, e ella, a meu vêr, devia lisongear-se notavelmente.

O que ella lhe deu melhor ainda do que o soneto foi uma filha, que chamaram Anna Maria, e no anno seguinte outra filhinha, que chamaram Maria da Natividade, e depois outra que se chamon Thereza de Jesus, e depois Antonia Maria, e depois Sebastiana Ignacia, e depois Agostinho Luiz, e depois Pedro José, e ultimamente Raphael, que morreu ao segundo mez de nascido. Ora aqui tem, leitor sensivel, um quadro perfeito de felicidade terreal: cinco filhas e

parte, especulam horrivelmente com o estomago da humanidade enfermeira.

Mas cada um cuida de si. Energia, muita energia é que nós queremos vêr da parte do poder civil para completa cohibição de taes abusos. Ou senão também nos levará a crêr que os proprios homens também cá pelo *val-de-lagrimas* também já andam falsificados. Homens e justiça.

Se as penitenciarías e enxovias do paiz fôrem insuficientes para lá metterem quantos michordeiros envenenadores por ahí se encontrem, façam-se novas prisões porque ninguém dará por mal empregado o dinheiro despendido para tal fim. Creiam-no.

**COLYSEU FIGUEIRENSE**

Com pouco mais de meia casa, realisou-se a terceira corrida da epocha em 27 de setembro, transferida do dia 20, devido ao mau tempo. Foi pena que não tivesse uma enchente completa, pois que a tourada deixou todos os aficionados bem dispostos e satisfeitos com os trabalhos que todos os artistas executaram.

Principiando por Fernando de Oliveira, só temos que dizer que trabalhou como mestre, teve uma gaiola magistral, e todo o seu trabalho foi soberbo, apesar de estar um pouco mal montado; as honras da tarde, sem favor o dizem, pertenceram-lhe; alem d'isso teve boas híras e rematou a lide do 1.º bicho que tinha por alcunha «Corvoeiro» com um ferro curto, collocado no seu sitio. No segundo que lhe pertenceu, e que era baptisado com o nome de «Tarco» empregou um ferro á gaiola, variando todo o resto da lide com toda a mestria, sendo muito applaudido. Joaquim Alves a quem soltaram o 4.º e 9.º, e que eram conhecidos por «Calino» e «Charneco» não pôde fazer brilhar o seu trabalho devido ao mau sangue das rezês que lhe soltaram; contudo, e com boa vontade ainda conseguiu prender ferros de valôr. Bombita trabalhou admiravelmente tanto em bandarilhas, a cambio, como com a milêta, teve passes de peito e recortes muito bem executados, simulando a sorte de morte por duas vezes, ficando a pontilha na cruz tanto n'um como no outro, sendo as sortes á *colapié* e *recebiendo*; foi muito victoriado e com justiça, pois que trabalhou bem e com coragem; sentimos não o podermos tornar a vêr por resolver cortar a *colleta* este anno.

Dos bandarilheiros temos que citar Manuel dos Santos que teve pares soberbos, entrando tanto pela direita como pela esquerda, o que se dá pouco entre os artistas que conhecemos. Theodoro teve também bons pares, mas ainda assim pouco feliz. Saldanha, Torres e os hespanhoes da quadrilha do Bombita, trabalharam regularmente, e se todos os artistas não poderam agradar mais, foi devido a alguns bois não se prestarem ao toureiro; contudo não se pôde dizer

dois filhos, vivos e robustes, em nove annos. Dito isto, por mais que me eu aprimorasse em recamos do estylo e maviosidades de sentimento no descrever as venturas d'aquella familia, tudo me sahiria froixo e muito em sombra. As creancinhas são os anjos que pintam os quadros da vida intima com côres e instincto do céo. Quem quer dizer «suprema e indivivel felicidade» não tem mais que pôr: «eram dois paes amando-se muito com sete filhinhos entre elle a beijarem-n'os, a beijarem-se, e a chilrearem como avesinhas implumes em volta do ninho que lhes dá o aconchego da plumagem e do cibo.»

Sem impedimento de sete filhos fartos e asseitados, o doutor ia enriquecendo, e repartia seu tempo, roubando ás caricias da familia, entre os trabalhos de gabinete e visitas ás pessoas mais illustres e pecuniosas da terra. A fama dos seus bons costumes e religiosidade fallou por elle no tribunal da inquisição, quando lá chegou o requerimento documentado pedindo as honras de familiar do santo officio. Concederam-lhas sem hesitação porque os medicos, como seuho

que o *curro* era mau, mas apenas tres é que se desmancharam.

Pegas houveram quatro, sendo duas á volta admiravelmente feitas, e duas de cara, sendo uma d'ellas rijissima. D'esta vez o sr. Jayme Henriques merece os nossos louvores, pois que dirigiu bem.

Assistiram duas philarmonicas, 10 de Agosto e 18 de Março que executaram as melhores peças do seu repertorio.

Está annunciada para 4 d'outubro outra tourada, dada pela empreza, e com os melhores artistas, tanto portuguezes como hespanhoes.

Aproveitamos a occasião para lembrarmos á auctoridade que ponha cõbra ao desfôro que um celebre *sapateiro* para lá vaê fazer com uma corneta!! Aquillo não é digno do «Colyseu Figueirense.»

**Reparações**

Vão ser auctorizados os trabalhos de reparação dos estragos causados pelo temporal de 21 de setembro na estrada de ligação da Costa Nova com o ramal da estrada districtal n.º 71 para o Pharol d'Aveiro.

O representante de Deus na terra não é, não pôde ser julgado por Deus no céo.—H. CHRISTO.

**Notas alegres**

Sonhou um camponio que estava fallando com um santo.

— Queres mil livras? disse-lhe o santo, mostrando-lhe um masso de de notas do Banco.

— Quero.

— Em ouro ou em notas?

— Em ouro.

— Pois espera que vou trocar. Entretanto o camponio accorrou, e dando um profundo suspiro, disse:

— Sempre sou muito bruto! Não era melhor ter accetado as notas?

Um amigo entra na sua Calino, sobraçando uma porção de brinquedo.

— Que levas tu ahí, meu pobre Calino?

— Brinquedos para os meus futuros filhos.

— Isso é que se chama andar adeantado! E se tu não os tiveres?

— Nesse caso serão para os meus netos.

**LYCEU DE AVEIRO**

Em casa de familia, recebem-se alumnos que frequentem a Lyceu. Bom tratamento e maxima vigilancia.

Dirigir carta a C. H. R., rua do Gravito, 29, 1.º—Aveiro.

res do arcano intimo das familias, eram os mais importantes sentinelas da pureza da fé. Não só os são costumes que também um livro de summa piedade e vasta erudição, lhe ganharam as honras e privilegios de familiar. Este livro, publicado em 1725, e ainda hoje relido com devotos fervores por quem sabe gastar com acerto e bom juro o seu tempo, intitula-se «Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol. Santo Antonio portuguez. Epitome historico e panegyrico da sua admiravel vida e prodigiosas accções.» N'aquelle tempo, não houve livro que ousasse medir-se com as elegancias e pompas d'aquelle *infolio*, para o qual devêra inventar-se a eternidade, se ella não andasse já por ahí á disposição das obras inuteis.

D. Josepha, posto que viesse de Paris quasi nada disposta a crer nos milagres de Santo Antonio, depois que leu a obra de seu marido, reduziu-se á pureza da fé catholica, e revalidou as ceremonias do baptismo, para se limpar de escrupulos. Não seria esta a razão efficiente; mas parecia ser.

(Continúa.)

(25) **FOLHETIM**  
CAMILLO CASTELLO BRANCO  
**O OLHO DE VIDRO**  
(Romance historico)  
IX  
Poeta e moralista  
Casaram.  
As delicias do noivado agoiravam santos prazeres de toda a vida.  
O esposo entrou nos segredos d'aquella familia, imperfeitamente referidos por sua mulher, que os não sabia bem contar. O essencial da historia era ter ella sangue judaico, e ter nascido no desterro, onde se fiou seu pae. Lances d'estes eram vulgarissimos n'aquelle tempo. Declarou ella que sua mãe não se chamava Antonia, nem o seu appellido era Castro. O mysterio, a perseguição, a formosura, a indole meiga, tudo cooperou a rebustecer o amor de Braz Luiz, que, desde a hora de marido, começou a contar os seus dias de vida.

**Bibliotheca HORAS ROMANTICAS**

Collecção de obras literarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

100 REIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 REIS o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

**IDEA E FINS DA PUBLICAÇÃO**

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhum outro modo poderin a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commode e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcelsivel.

É nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedica consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

**VOLUMES PUBLICADOS**

- N.º 1 a 3—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazariho de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6—«A amozreira fatal», por E. Berthel.—N.º 7—«O Senhor Euz», por Salvatore Farina.—N.º 7 e 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Caricias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jøge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.
- Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importação á «A Editora» (antiga casa David Corazzi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**ANNUNCIOS**

**Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.**

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, esturme, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

**METHODO JOÃO DE DEUS**

**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

**Deveres dos Filhos**, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart. 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

**Album**, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 55000 réis.

**Quadros parietaes**, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 65000 réis.

**Arte de escripta**, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

**O Methodo de escripta**, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

**DO MESMO AUCTOR**

**A Cartilha Maternal e o Apostolado**, (celebradas polemicas sobre questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

**A Cartilha Maternal e a Critica**, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag., 500 réis.

**Prosas**, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis

**Campo de Flores**, Braga, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

**Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.**

**Guia theoretico e pratico da Cartilha Maternal**, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

**Os altos principios do Methodo de João de Deus**, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

**Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.**

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuvia do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (A Estrela), Lisboa, onde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

**CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS**

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra

Extrahir, obturar, collocationes e encaregar-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.º AVEIRO

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF,"**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

**ANADIA—SANGALHOS**

**LIVRO COMMERCIAL**

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito, ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

É sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

**Esta obra compôr-se-ha approximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.**

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmao, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo Specimen a quem o requisitar.

**RUDIMENTOS DE AGRICULTURA**

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECTAÇÃO GERAL D'INSTRUÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS

A venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na

CASA EDITORA LIVRARIA AILLAUD Rua do Ouro.—242-1.º LISBOA

**A NOVA PHASE DO**

**SOCIALISMO**

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

**ARMAZENS**

**BEIRA-MAR**

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Com.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. N. B.—Não se aviamencomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.